

Paulo-Roberto Andel

Eu queria ter doze anos

Não é exatamente um desejo de ser mais jovem, mas de voltar no tempo mesmo. Acordei neste junho frio do Rio - para nós, cariocas, 17 graus são praticamente a Patagônia - e do nada me entorpecí com o sonho de voltar a ter doze anos de idade exatamente naquele ano que era 1980.

Aquilo tudo passou rápido demais e certamente não aproveitei 99% do que poderia. Por várias coisas, um garoto de doze anos daquele tempo é bem diferente de agora, 45 anos depois. Em tudo. Ou quase tudo.

Eu queria ter doze anos de idade para sentir aquele velho calor de expectativa aos domingos, quando em algum momento meu pai dizia “Paulo, toma banho logo!”, o que significava que iríamos ao Maracanã e eu andava pelas estrelas só de pensar. Quem viveu isso sabe como ninguém. E não era um Maracanã simplesmente, mas aquele Maracanã - o de 100 mil torcedores, o da nuvem mágica de pó de arroz que mais parecia uma viagem do Pink Floyd, do meu time todo de branco subindo o túnel com uma multidão de crianças em volta - o que eu nunca pude fazer. Bom, o mais importante era ter a mão do meu pai me guiando de Copacabana ao estádio imortal.

Eu queria ter doze anos para poder voltar a lanchar o cachorro quente das Lojas Americanas da Figueiredo Magalhães. Pão, salsicha e molho de tomate com cebola. Que delícia! Igual, nunca mais. E perto da loja tinha a galeria do Cinema Condor, maravilhosa - o Condor era gigante, ir ao cinema era um luxo!

Eu queria ter doze anos

para jogar bola com meus amigos na Tenreiro Aranha, a vila, bem em frente à minha escola. O progresso trouxe o metrô da Siqueira Campos, a Tenreiro acabou e a escola já tinha fechado antes. Pelo menos eu falo com meu amigo Leo no WhatsApp, ele mora em Juiz de Fora. O Fredão morreu há anos e me deixou na mão. Dureza. Ele tinha que estar aqui.

Em 1980 a gente sonhava com os LPs da vitrine da Billboard, ao lado da Modern Sound na rua Barata Ribeiro - de lá para cá, mataram e ressuscitaram os discos, que agora são muito mais caros. Dureza.

Eu queria voltar a ter doze anos de idade porque estava descobrindo a beleza feminina. A Márcia e a Simone passavam ali perto de casa toda hora. Elas eram lindas, mas claro que só olhavam para os super-homens de quinze anos, o que nós, garotos, somos incapazes de compreender pelo resto da vida inteira. Não importa: como era bom vê-las e admirá-las.

Eu queria ter doze anos de novo para ver desenhos animados com minha mãe e poder provar a comida maravilhosa que só ela fazia. A gente ria, via os desenhos, jogava até botão mas não dava certo porque ela queria fazer gol com a mão, jogando o dadinho na rede. E queria abraçá-la e dizer “Eu amo você, mãe!”, como fiz dos doze anos de 1980 até 2007, quando meus dois sóis explodiram.

Ser garoto era tudo. A gente nunca entende, quer ser adulto logo até que percebe o erro e o tempo, este senhor do universo, nos leva de forma implacável pelos caminhos da vida, até que um dia as cortinas se fecham sem perdão.

Presença de Clarice



Premiado monólogo com Beth Goulart que mergulha no universo da escritora chega ao último fim de semana

Idealizado, concebido e protagonizado por Beth Goulart, o espetáculo ‘Simplesmente Eu, Clarice Lispector’ encerra sua temporada carioca neste fim de semana, com as últimas apresentações no Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea. Com o teatro lotado desde sua reestreia em 14 de março, a peça vem atraindo espectadores de todas as idades que nutrem em comum a paixão pela escritora e sua obra.

“As pessoas saem felizes e impactadas por Clarice Lispector e só tenho a agradecer pela magia do teatro ter criado esse caminho, através do meu trabalho, como criadora e atriz”, reflete Beth Goulart, ao comentar sua radiante atuação. A montagem celebra os 50 anos de carreira de Beth Goulart e é fruto de uma profunda imersão da atriz no universo da escritora, com dois anos de pesquisa, seis meses de preparação e dois meses de ensaios. “Fiquei grávida de Clarice e estava tudo na minha cabeça”, brinca Beth sobre o processo de criação que deu origem ao espetáculo em 2009.

A dramaturgia é construída a

partir de depoimentos, entrevistas e correspondências da autora, mesclados a fragmentos de obras emblemáticas como “Perto do Coração Selvagem”, “Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres”, e os contos “Amor” e “Perdoando Deus”. Beth Goulart tece uma narrativa que entrelaça a autora com as vozes de quatro personagens femininas — Joana, Lori, Ana e a mulher sem nome —, explorando temas como amor, silêncio, solidão e o mistério da existência.

A cenografia minimalista de Ronald Teixeira e Leobruno Gama, a iluminação de Maneco Quinderé e a direção de movimento de Márcia Rubin criam um espaço onírico, complementado pela trilha sonora original de Alfredo Sertã e o figurino de Beth Filipecki, que reforça a elegância da escritora. A supervisão do trabalho da atriz é assinada por Amir Haddad.

A peça não apenas emociona, mas também fomenta a leitura. Com mais de 2.870 estudantes já tendo assistido ao espetáculo, há um notável interesse do público jovem, com grande recorte para a fai-

xa de 16 a 25 anos, e a presença de diferentes gerações, de 12 a 80 anos. Após cada apresentação, Beth sorteia um livro de Clarice, reforçando a conexão com a obra. “Chegar com a obra de Clarice para outras pessoas e levar a sua literatura aos jovens, que já estão se encantando com a autora, é um presente que o teatro está promovendo para a nossa cultura”, afirma Beth Goulart.

E o foyer do teatro abriga duas exposições: “Entre Ela e Eu” e “Clarice em Mim”. A primeira, idealizada por Beth Goulart, apresenta pranchas em grandes formatos com fotos e informações sobre Clarice, curiosidades pessoais e de suas obras, além de reproduções de retratos da escritora por grandes artistas plásticos. Já “Clarice em Mim”, de Mariana Valente, artista plástica e neta da escritora, exhibe colagens que ressignificam imagens de Clarice.

SERVIÇO

SIMPLESMENTE EU, CLARICE LISPECTOR

Teatro Clara Nunes

(Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea)

Até 22/6, quinta e sexta-feira (20h) e sábado (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 140